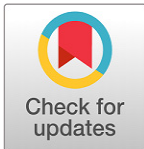


## Tradução comunizante: feminismo e política dos comuns



Cecília Rosas

[ceciliarosas@gmail.com](mailto:ceciliarosas@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0003-0640-6039>

Universidade de São Paulo —USP—, Brasil

Laura Pinhata Battistam

[lpbattistam@usp.br](mailto:lpbattistam@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0003-3356-8041>

Universidade de São Paulo —USP—, Brasil

Luciana Carvalho Fonseca

[lucianacarvalhof@usp.br](mailto:lucianacarvalhof@usp.br)

<https://orcid.org/0000-0002-7938-9607>

Universidade de São Paulo —USP—, Brasil

Maria Teresa Mhereb

[teresamhereb@gmail.com](mailto:teresamhereb@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-7458-8829>

Universidade de São Paulo —USP—, Brasil

Raquel Parrine

[rparrine@umich.edu](mailto:rparrine@umich.edu)

<https://orcid.org/0000-0002-9131-1271>

Universidad de Michigan, Estados Unidos

### Resumo

Este artigo apresenta o conceito de “tradução comunizante”, elaborado pelo Coletivo Sycorax: Solo Comum, com base em dois pilares: 1) a leitura feminista decolonial do conceito de “commoning translation”, definida por Jeniffer Hayashida, e 2) a prática coletiva de tradução feminista anticapitalista de *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*, de Silvia Federici. O conceito traz uma concepção da prática coletiva de tradução como potencialmente transformadora e inerentemente política de ponta a ponta: da escolha do texto, passando pela formação intelectual das tradutoras, pelas relações de produção estabelecidas entre todos os sujeitos envolvidos, até a circulação do produto final. Nessa abordagem — particularmente relevante por permitir alinhar teoria e prática a experiências individuais e coletivas sobre lutas políticas feministas —, a agência tradutória extrapola a dimensão textual e torna-se uma noção que amplia o terreno de ação das tradutoras, movida por um



*ethos* de justiça global via práticas coletivas de tradução. A tradução comunizante, tal qual propomos, traz princípios da política dos comuns estudados por Federici e postos em prática durante a tradução coletiva realizada pelo coletivo em questão, como autogestão, rotatividade de tarefas, horizontalidade decisória e orientação do trabalho à produção do bem comum. Sendo um modo de produção que considera, necessariamente, como, onde, por quem e para quem o conhecimento é produzido, a tradução comunizante estrutura-se também em reflexões sobre práticas feministas decoloniais de tradução, colonialidade do saber e conhecimento situado.

**Palavras-chave:** tradução comunizante, tradução feminista, tradução coletiva, políticas da tradução, Coletivo Sycorax

## Commoning Translation: Feminism and the Politics of the Commons

### Abstract

This article introduces the concept of “commoning translation” as developed by the translation collective Coletivo Sycorax: Solo Comum (common ground), anchored to two pillars: (a) a decolonial feminist reinterpretation of Jennifer Hayashida’s “commoning translation”, and (b) the collective praxis of anti-capitalist feminist translation in Silvia Federici’s *Reenchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons*. Commoning translation is a notion describing collective translation as both a potentially transformative and political practice all over from text selection, through the translators’ intellectual formation, building relationships among participants, up to the launch of the final work. This approach aligns theory and practice with individual and collective experiences of feminist political struggle to redefine translation agency as going beyond the textual level. Thus, commoning translation broadens translation agency expanding translators’ spheres of action guided by an ethos of global justice through collective translation practices. Our praxis incorporates principles of the politics of the commons as examined by Federici and implemented in the collective translation process of the translation collective herein, such as self-management, task rotation, horizontal decision-making, and labor directed toward producing common goods. As a mode of production that necessarily considers how, where, by whom, and for whom knowledge is produced, commoning translation is also structured through reflections on decolonial feminist translation practices, the coloniality of knowledge, and situated knowledges.

**Keywords:** commoning translation, feminist translation, collective translation, politics of translation, Sycorax Collective

## Traducción comunizante: feminismo y política de lo común

### Resumen

Este artículo presenta el concepto de “traducción comunizante”, elaborado por el Colectivo Sycorax: Solo Comum (suelo común), con base en dos pilares: 1) la lectura feminista decolonial del concepto de *commoning translation*, definida por Jeniffer Hayashida, y 2) la práctica colectiva de traducción feminista anticapitalista para el libro *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*, de Silvia Federici. Esta noción connota una noción de práctica colectiva de la traducción como práctica con potencial transformador y acto político de principio a fin: desde la selección del texto, pasando por la formación intelectual de las traductoras, por las relaciones de producción establecidas entre todos los participantes, hasta la circulación del producto final. En ese enfoque —de particular relevancia en cuanto permite alinear la teoría y la práctica con experiencias individuales y colectivas sobre luchas políticas—, la agencia traductiva extrapola la dimensión textual para convertirse en una noción que amplía el campo de acción

de las traductoras, movida por un *ethos* de justicia global mediante prácticas colectivas de traducción. La traducción comunizante, como la proponemos, aplica principios de política de lo común estudiados por Federici y puestos en práctica durante la traducción colectiva realizada por este grupo, como autogestión, rotación de tareas, horizontalidad en la toma de decisiones y orientación del trabajo a la producción del bien común. Al ser un modo de producción que no puede desligarse del cómo, el dónde, el por quién y para quién se produce el conocimiento, la traducción comunizante se estructura también en reflexiones sobre prácticas feministas decoloniales de traducción, colonialidad del saber y conocimiento situado.

**Palabras clave:** traducción comunizante, traducción feminista, traducción colectiva, política de la traducción, Colectivo Sycorax

Traduction communisante : féminisme et politique du commun

Résumé

Cet article présente le concept de « traduction communisante », élaboré par le collectif Sycorax : Solo Comum (terrain d'entente), qui repose sur deux piliers : 1) la lecture féministe décoloniale du concept de « Commoning translation », défini par Jeniffer Hayashida, et 2) la pratique collective de la traduction féministe anticapitaliste de *Reencantando o mundo : feminismo e a política dos comuns* (Réenchanter le monde : féminisme et politique des communs), de Silvia Federici. Ce concept présente la pratique collective de la traduction comme potentiellement formatrice et intrinsèquement politique de bout en bout : du choix du texte à la formation intellectuelle des traductrices, en passant par les relations de production établies entre tous les sujets impliqués, jusqu'à la diffusion du produit final. Dans cette approche – particulièrement pertinente car elle permet d'aligner la théorie et la pratique sur les expériences individuelles et collectives des luttes politiques féministes –, l'agence de traduction dépasse la dimension textuelle et devient une notion qui élargit le champ d'action des traductrices, animée par une éthique de justice globale via des pratiques collectives de traduction. La traduction communisante, telle que nous la proposons, reprend les principes de la politique des communs étudiés par Federici et mis en pratique lors de la traduction collective réalisée par le collectif en question, tels que l'autogestion, la rotation des tâches, l'horizontalité décisionnelle et l'orientation du travail vers la production du bien commun. Étant un mode de production qui prend nécessairement en compte comment, où, par qui et pour qui la connaissance est produite, la traduction communisante s'estructure aussi dans des réflexions sur des pratiques féministes décoloniales de la traduction, la colonialité du savoir, et la connaissance située.

**Mots-clé :** traduction communisante, traduction féministe, traduction collective, politique de la traduction, Collective Sycorax

## Introdução

Ao iniciar seu artigo “Poetry for social-political justice in Palestine”, em que trata das traduções do renomado escritor palestino Mahmoud Darwish, Mahmoud Alhirthani afirma: “É hoje de conhecimento geral que tradutores podem estar envolvidos em mudanças sociais”.<sup>1</sup> Em um mundo em colapso — do qual a situação palestina atual é demonstração material e simbólica —, a possibilidade de colaborar com rupturas do *continuum* de catástrofes por meio da tradução converte-se cada vez mais em tarefa ética para tradutoras e tradutores, pesquisadoras e pesquisadores ao redor do planeta, articulando-se em proposições teóricas e práticas que embasam traduções, artigos, livros, revistas, grupos de pesquisa e dossiês temáticos.

Alinhando-nos a essa parcela de tradutoras e pesquisadoras contemporâneas, apresentamos neste artigo o conceito de “tradução comunizante”, elaborado pelo Coletivo Sycorax: Solo Comum<sup>2</sup> — composição específica do Coletivo Sycorax que atuou no processo de tradução para o português brasileiro de *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*,<sup>3</sup> de Silvia

Federici (2022) — com base em uma leitura feminista e decolonial da definição de “*communing translation*” de Jeniffer Hayashida (2020), bem como na prática coletiva de tradução feminista anticapitalista da obra em questão. Neste artigo, buscamos retomar as reflexões a respeito do processo de tradução relatado em nosso artigo “Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução” (Alvarenga *et al.*, 2022), abordado ali em seus aspectos mais empíricos, e desenvolvê-las de forma teórica.

Após apresentarmos os pressupostos teóricos mais gerais de nossa perspectiva — organizada primeiramente pelos conceitos de decolonialidade, conhecimento situado e genealogia feminista —, discutimos as noções de agentes e agência na tradução e, em seguida, de tradução coletiva. Uma vez que a categoria de tradução coletiva, tal qual procuramos demonstrar, é politicamente esvaziada em termos organizacionais e ideológicos, percorremos um trajeto de especificação teórica e prática (fundamentado em leituras bibliográficas e experiências concretas) que nos leva à “tradução comunizante”. Por meio dela, invocamos uma concepção expandida da tradução, que se inicia antes do trabalho linguístico textual e não se encerra quando este trabalho termina. Essa concepção é movida por um *ethos* de justiça global, com potencial para transformar politicamente tanto os sujeitos envolvidos no processo de traduzir quanto a sociedade de destino do texto traduzido, assim como criar alianças entre sujeitos e comunidades em luta em diferentes contextos.

## 1. Localizando alguns conceitos

Na intersecção entre os estudos da tradução e os estudos de gênero, encontram-se os estudos

1 “It is now common knowledge that translators may engage in social change” (Alhirthani, 2024, p. 18).

2 O Coletivo Sycorax: Solo Comum foi composto pelas cinco autoras deste artigo e também por Ana França Alvarenga, Ana Luísa Sertã, Ana Maria Pichini, Cecília Farias, Danieli Corrêa, Elisa Rosas, Joana Benetton, Joana Plaza, Letícia Bergamini, Maíra Daher, Milena Durante, Odara G. de Andrade, Paula Dutra, Vanessa Dalcanal e Zenai-de Monteiro. Tal composição do coletivo é informada na ficha técnica do livro *Reencantando o mundo* (Federici, 2022).

3 Antes de *Reencantando o mundo*, o Coletivo traduziu *Calibã e a bruxa* (2017) e *O ponto zero da revolução*, ambos de Silvia Federici. No ano seguinte ao encerramento dos trabalhos com *Reencantando o mundo*, o Coletivo traduziu *Patriarcado e acumulação em escala*

*mundial: mulheres na divisão internacional do trabalho*, de Maria Mies (2022). Os processos de tradução de cada livro pelo Coletivo já foram compartilhados em detalhes no artigo intitulado “Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução” (Alvarenga *et al.*, 2022).

feministas da tradução. Com uma história que pode ser datada desde a década de 1980, com a chamada Escola Canadense, esse campo de estudos se consolidou também por meio de práticas feministas de tradução, que, inicialmente, se destacavam como estratégias utilizadas por tradutoras para questionar e driblar o sexismo presente na linguagem (von Flotow, 1991).

Expandindo a visão sobre a capacidade de ação política da tradução, trabalhos acadêmicos mais recentes, como o de Olga Castro e María Laura Spoturno (2020), por exemplo, argumentam que a tradução feminista deve se movimentar para além dos contextos anglófonos e europeus, pois os feminismos “convocam uma perspectiva crítica e plural para pensar, sentir, estar e agir no mundo” e contribuem para “todas as disciplinas científicas e campos do saber” a fim de transformar a estrutura da sociedade em direção a uma estrutura mais igualitária “independente de suas identidades sexuais e de gênero” (2020, p. 13, tradução nossa). Castro e Spoturno (2020) apontam ainda que os estudos de tradução tradicionais frequentemente reiteram estruturas de poder, ao apagarem a agência da pessoa tradutora e desvalorizarem o trabalho cultural feito pelas mulheres, além de invisibilizar epistemologias oriundas de geografias outras que não do Norte Global e/ou que não em inglês. Dessa perspectiva crítica, a ideia de responsabilidade ética e política, tanto na teoria como na prática da tradução, é fundamental.

Nenhuma dessas questões poderia ser ignorada para a elaboração de nossa concepção de tradução comunizante, que delineamos ao longo deste artigo. E, situadas no Sul Global, não poderíamos ignorar também as contribuições de pensadoras e pensadores decoloniais — como Aníbal Quijano (2000), Rita Segato (2013), Walter D. Mignolo e Catherine Walsh (2018) —, que nos permitem localizar a tradução (como ato, processo ou produto) no âmbito da produção de conhecimento que não só identifica e interroga as formas de poder, ser e saber hegemônicas, mas delas busca também

se desvincular (*delink*) por meio de uma opção decolonial (*decolonial option*) (Mignolo & Walsh, 2018).

O conceito de decolonialidade, conforme a obra dessas autoras e autores, designa práticas, estratégias e metodologias do pensamento que conduzem à afirmação, humanização e insurgência dos sujeitos subalternizados e de suas onto-epistemologias. Tal conceito nos permite identificar, interrogar e buscar interromper (Mignolo & Walsh, 2018) formas de poder, ser e saber eurocentradas, nos levando a pensar a tradução comunizante como uma estratégia para também identificar/interrogar/interromper, desafiando, denunciando e reconfigurando discursos, práticas e epistemologias que legitimam as diversas formas de dominação e exploração da matriz colonial do poder. Nesse sentido, procuramos reiterar as perspectivas decoloniais que afirmam a necessidade de construir um caminho outro de lutas diversas para identificar/interrogar/interromper a colonialidade. A perspectiva decolonial é um convite a mudar a forma de olhar, sendo o desafio o de não buscar a teoria primeiro (Mignolo & Walsh, 2018, p. 21) e a proposta a de “pensar-fazendo” (p. 21). Walsh fala em um pensar-fazer “que desvincula, que desfaz a centralidade unificada — e universalizante — do Ocidente como o mundo e que começa a impulsionar outras questões, outras reflexões, outras considerações e outros entendimentos”.<sup>4</sup>

A tradução comunizante, tal qual a pensamos-fazemos, também bebe do conceito de genealogia feminista, desenvolvido por Pilar Godayol (2011), que implica o trabalho de recuperação e construção da história das mulheres na produção do conhecimento por meio da tradução. Se a decolonialidade refuta cânones

4 “that delinks, that undoes the unified – and universalizing – centrality of the West as the world and that begins to push other questions, other reflections, other considerations, and other understandings” (Mignolo & Walsh, 2018, p. 21).

impostos pelo pensamento colonial e o conhecimento situado questiona a “objetividade” hegemônica defendida por esse pensamento, a genealogia feminista desafia a invisibilização das mulheres na história intelectual. Ao propor que “damos à luz nossas próprias mães simbólicas” (Godayol, 2013, p. 111), esse conceito enfatiza a prática de construir alianças e referências epistemológicas em oposição a uma tradição imposta. Desse ponto de partida, encaramos a tradução comunizante como uma das formas que colaboram para a constituição de uma genealogia feminista *anticapitalista*.

A tradução comunizante convoca, ainda, o conceito de conhecimento situado, proposto por Donna Haraway (1995) — e que também aparece em Lélia Gonzalez como o conceito de *lugar*. Nas palavras dessa última pensadora: “O *lugar* em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (2020, p. 76). Tanto Haraway quanto Gonzalez sinalizam que situar o conhecimento significa desvincular-se da ideia de um conhecimento universal, definitivo ou neutro. Para ambas as autoras, todo conhecimento produzido traz em si aspectos históricos, sociais e políticos, os quais são organizados por um sujeito que possui gênero, raça-etnia e classe social, além de outras características de sua identidade. Dessa forma, amplia-se a crítica da colonialidade, pois se demonstra que até mesmo o saber acadêmico e intelectual é parcial, e que há diversas formas de conhecimento produzidas em territórios não cancelados por esse saber.

Assim, procuramos combinar, no plano teórico, diferentes correntes epistemológicas que apontam para um horizonte político comum, pautado pelas lutas contra o colonialismo, a colonialidade, o sexismo e o racismo, mas também, como pretendemos demonstrar ao longo de nosso percurso, contra o sistema político-econômico global que está na raiz de todas essas formas de opressão e exploração.

Para isso, o conceito de tradução comunizante também reivindica a tradição epistemológica dos *comuns*, que, como procuramos demonstrar adiante, pode ser situada no interior do campo dos marxismos.

## 2. Agentes da tradução

No campo dos estudos da tradução, o conceito sociológico de “agente”, conforme a definição de Bandia e Milton (2009), designa qualquer entidade — pessoa, instituição ou suporte material — envolvida em um processo de troca cultural por meio da tradução. Nessa troca cultural, a “agência”, conforme Hélène Buzelin (2011), refere-se à “capacidade de exercer poder com determinado fim e de maneira intencional”.<sup>5</sup>

Ocorre que, de modo geral, o poder de agir sobre um processo de tradução não é igualmente dividido entre todos os agentes envolvidos. Em um contexto editorial, por exemplo, é uma instituição, ou seja, a editora (nas pessoas de suas e/ou seus dirigentes) que tende a determinar a seleção de quem e do quê será traduzido, bem como quem traduzirá. Como lembra Wolf (2007), os agentes que representam tal instituição poderão interferir ainda nas estratégias tradutórias adotadas pelos agentes que traduzem linguística, discursiva e esteticamente o texto em questão, além de balizar significativamente a circulação do produto traduzido.

Em recente publicação examinando a tradução e a interpretação com vistas à justiça social dentro de instituições, Monzó-Nebot e Lomeña-Galiano (2024, pp. 253-258) abordam o papel da tradução e da interpretação na influência da tomada de decisões, da divisão do trabalho e dos aspectos culturais no âmbito das instituições estudadas. Fica evidente para as organizadoras que a ética predominante nas “instituições” é a da suposta “neutralidade”, e que há muito pouco espaço para agência de

5 “It designates an entity endowed with agency, which is the ability to exert power in an intentional way” (Buzelin, 2011, p. 2).

tradutores/as e intérpretes. Além disso, constatam que a tradução e a interpretação são, ao cabo, empregadas com a mesma finalidade que a das próprias instituições (patriarcal-capitalista-colonial) onde têm lugar. Em outras palavras, a não ser que haja algum espaço previamente definido para que tradutores e intérpretes definam e implementem políticas (de tradução) institucionais (Monzó-Nebot & Lomeña-Galiano, 2024, p. 256), é muito pouco provável que a tradução e/ou a interpretação tenham efeito social transformador dentro das *masters' tools* (Lorde, 2018), independentemente da vontade política de tradutores/as e intérpretes (Fonseca, 2025, pp. 59-60).

Em um contexto de atomização, tradutoras e tradutores, isolados uns dos outros, veem dificultada a tarefa da organização coletiva com o objetivo de desestabilizar a correlação de forças que rege sua atividade, nem têm a oportunidade de compartilhar as dificuldades, aprendizagens e satisfações experimentadas nas sucessivas tomadas de decisão que traduzir impõe. Sozinhos, também terão mais dificuldade para inserir no tecido social obras e autoras ou autores que traduzem ou desejam traduzir.

Processos coletivos, por outro lado, podem vir a oferecer possibilidades de experiências de tradução politicamente distintas das que temos individualmente. No entanto, talvez nem toda forma autodenominada “coletiva” seja politicamente libertadora para agentes da tradução, já que pode seguir reproduzindo hierarquias, divisões e objetivos característicos do modo e das relações de produção do capital.

### 3. Tradução coletiva: o que pode ser isso?

Há diferentes maneiras pelas quais se pode conceber a “tradução coletiva” de textos escritos. Ela pode ser considerada o resultado da soma de textos traduzidos individualmente, reunidos sob a forma de um todo (um livro ou dossiê, por exemplo — como no caso de obras

que reúnem resultados de grupos de pesquisa, compiladas por um.a organizador.a, normalmente o/a coordenador/a do grupo). Esse “todo” pode receber diferentes tratamentos editoriais quanto aos componentes linguísticos-discursivos das partes (textos traduzidos) que o compõem.

Mas a tradução coletiva pode ser encarada também como produto da ação simultânea e organizada de dois ou mais sujeitos que atuam sobre um mesmo texto, ou reunião de textos, por meio de práticas variadas de tomada conjunta de decisões — seja dividindo este mesmo texto entre as partes para a tradução, seja alternando as partes entre tradução e revisão.

Em ambos os casos, a escolha dos textos e das autoras ou autores que serão traduzidos pode ser fruto de uma decisão consensual de todas as pessoas envolvidas na tradução, ou de outro grupo, ou de indivíduos, coincidentes ou não com os que traduziram as partes ou o todo em questão. O mesmo vale para a gestão de todo o processo de tradução, de modo que as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo de tradução podem ser de ordens diversas, em graus diversos, e mesmo cruzadas: institucionais, acadêmicas, políticas, de amizade, de camaradagem, etc.

Uma tradução coletiva pode ser consequência de uma reunião de pessoas em torno e em prol de um objetivo específico, compondo uma coletividade provisória, posteriormente desfeita ou rearticulada; mas pode ser também o projeto de uma coletividade mais ou menos estável, estabelecida para a execução de traduções dessa natureza, uma coletividade organizada pela e para a tradução coletiva, como é o caso do Coletivo Sycorax.<sup>6</sup>

A coletividade de sujeitos que trabalham num projeto de tradução, provisória ou não, pode,

6 Sobre as formas de organização do Coletivo Sycorax, cf. Alvarenga *et al.*, 2022, Coletivo Sycorax, 2017, 2019, 2022b; Rosas *et al.*, 2020.

ainda, adotar distintos modos de organização que vão da extrema hierarquização — na qual determinados indivíduos detêm maior poder decisório sobre a escolha do texto, o processo, o produto e a circulação da tradução — à maior horizontalidade — baseada na atribuição mais igualitária desse poder. Assim, a cada projeto, tarefas e poderes podem ser atribuídos de formas diferentes entre os agentes da tradução, resultando não apenas em diferentes produtos considerados “tradução coletiva”, mas também em diferentes processos e, portanto, em diferentes experiências sócio-políticas de tradução.

Em maior ou menor extensão, portanto, e a depender da intensidade da mediação das instituições (como podem ser consideradas as editoras), os espaços criados a partir das ações e processos coletivos de tradução podem ser pensados a partir do que Hannah Arendt denomina de “o político”, isto é, o espaço que se constitui a partir da reunião de várias pessoas — orientadas para a ação — com objetivos em comum e que cria condições para múltiplas possibilidades e também para o inesperado (1958, p. 199). Como evento político, a tradução coletiva pode corresponder a mais uma forma de abertura da esfera pública para que a liberdade política possa ser realizada. A condição necessária para tal liberdade, segundo Arendt, é a possibilidade de falar/ser ouvido — algo nem sempre inerente aos — ou promovido pelos — processos coletivos de tradução.

#### 4. Tradução coletiva feminista anticapitalista

Desde sua primeira publicação —do livro *Calibã e a bruxa*, de Silvia Federici (2017) —, o Coletivo Sycorax<sup>7</sup> procurou fazer do pensamento sobre sua prática um componente de sua atividade de tradução. Ao longo do

tempo, buscamos colocar em relação dialética e dialógica o pensar sobre um fazer e o fazer a partir de um pensar, de modo que nosso pensamento e nossa prática foram se alterando reciprocamente. Em ocasiões anteriores, pudemos explicitar nossa concepção da tradução coletiva. Ao tratar especificamente do processo de tradução de *Calibã e a bruxa*, por exemplo, procuramos demonstrar

[...] que a *tradução coletiva entre mulheres* pode ser entendida enquanto *estratégia política feminista transnacional*, sobretudo ao situar a experiência de tradução de textos do Norte ao Sul Global e vice-versa. Assim, buscamos evidenciar os processos que envolvem desde a *escolha do título a ser traduzido* até a *movimentação coletiva com o texto e paratextos*, além de permitir *processos editoriais mais equitativos e formas de circulação da obra* que questionem as atuais condições de acesso ao conhecimento. (Rosas et al., 2020, p. 119, destaques nossos)

Portanto, naquele momento, ao empregarmos a expressão “tradução coletiva” seguida de “*entre mulheres*”, ficava já enunciado que a categoria “tradução coletiva” necessitava de especificações para traduzir nossa prática. Essa prática — feminista e anticapitalista, como sinaliza o trecho acima —, traz em seu bojo uma concepção expandida da tradução, que, além do trabalho linguístico-discursivo, considera também a atuação politicamente ativa das agentes na escolha do texto e da autora, no questionamento das relações editoriais e de mercado e na inserção social da tradução. Assim, colocávamos simultaneamente em xeque: a) a tendência institucional (editorial) a uma correlação de forças que desfavorece as tradutoras quanto ao controle e uso (social) do produto de seu trabalho; b) a situação do conhecimento como mercadoria, o que dificulta e mesmo impede seu acesso por parte de grandes setores da população; e c) a escolha (geralmente institucional) de quem e o quê chega até nós por meio da tradução — e, por consequência, de quem e o quê não chega.

7 O coletivo deve seu nome a essa obra. Mãe de Calibã, Sycorax é o nome da bruxa da peça *A tempestade*, de William Shakespeare.

Ao mesmo tempo, indicávamos a “tradução coletiva entre mulheres” como uma forma de traduzir que seria capaz de propor um outro *modo de produção* em que: a) a tradução teria restituído, ao menos em parte, o seu *valor de uso*,<sup>8</sup> podendo circular livremente pela sociedade sem a mediação do dinheiro — daí a disponibilização gratuita da tradução em formato digital ser um princípio inegociável da atividade de Coletivo; e b) nós, tradutoras, trabalhando juntas, escolheríamos *intencionalmente* autoras e textos, traduziríamos e faríamos circular o produto de nosso trabalho por entre os lugares onde a tradução pudesse vir a encontrar suas interlocutoras — por isso zelamos pela realização de lançamentos, debates, cursos e oficinas em múltiplos espaços, priorizando aqueles em que mulheres travam batalhas diárias pela vida e contra as injustiças sociais.

Algumas traduções mais tarde, voltamos a escrever sobre nossa compreensão acerca da “tradução coletiva”, e enfatizamos a dimensão político-pedagógica que encontrávamos nesse tipo de atividade:

[Entendemos] a prática de tradução coletiva não apenas como processo de produção de um texto traduzido, mas também de *formação intelectual e política*; como um exercício de diálogo — com o texto e com os outros sujeitos envolvidos — e uma *experiência de gestão coletiva*. Para nós, o método coletivo de tradução é especialmente construtivo no contexto da tradução de obras feministas entre mulheres, pois permite alinhar conhecimento teórico e

prático sobre feminismo. (Alvarenga *et al.*, 2022, p. 3)

Neste último trecho, empregamos a expressão “método coletivo de tradução”, que, à luz do que pontuamos até aqui, significa pouco por si só. No entanto, no contexto de nossas discussões, esse “método” evidenciava-se como sendo caracterizado por um modo de gestão horizontal do processo de tradução (entendido no sentido amplo que apontamos acima), em que tarefas são divididas segundo as possibilidades de cada uma e decisões de todos os níveis são tomadas em conjunto; em que as integrantes vivem um processo de formação política no qual amparam-se reciprocamente, integrando na coletividade suas subjetividades e saberes.<sup>9</sup>

Tal “método coletivo de tradução”, é evidente, pode ser lido como abertamente *militante e engajado*, na medida em que se funda em um projeto orientado para a justiça social (Boéri, 2023; Doerr, 2018) e para o apoio a lutas e agendas políticas nesse sentido (Boéri & Delgado, 2021). Embora utilizemos aqui o termo “militante” — como forma de vinculação a uma tradição plural e heterodoxa para a qual as lutas de classe são o elemento unificador das diferentes lutas contra as opressões e explorações promovidas pelo capital —, parece-nos também apropriada a definição de “interpretação ativista” segundo a qual esta consiste em “práticas que são *intencional e explicitamente* realizadas em prol da mudança social e da

8 N’O *Capital*, de Karl Marx (1996), o *valor de troca* é definido como o valor quantitativamente precificado de um produto do trabalho humano tornado mercadoria e vendido em um mercado; ao passo que o *valor de uso* refere-se ao valor qualitativo que possui um produto do trabalho humano para o suprimento das necessidades, de ordens diversas, dos indivíduos de uma dada sociedade. O *valor de uso* de um produto humano não seria, portanto, mediado pelo dinheiro.

9 Comunidades de tradutores e intérpretes como o Babels (Boéri, 2009, 2023; Buts, 2023), reconhecido como uma das comunidades mais politizadas de tradutores e intérpretes, e o ECOS (Baker, 2010; Talens, 2010) também se estabeleceram com base em princípios de horizontalidade, deliberação, participação e prefiguração, com o objetivo de promover engajamento de tradutores e intérpretes em relação a seu papel em uma sociedade cada vez mais competitiva, polarizada e violenta.

disrupção das estruturas de poder existentes”,<sup>10</sup> com o adendo de que a mudança social à qual dedicamos nosso trabalho de tradução pode ser definida em termos anticapitalistas.

Como narramos na “Apresentação à edição brasileira” ao livro *Patriarcado e acumulação em escala mundial: mulheres da divisão internacional do trabalho* (Coletivo Sycorax, 2022a), de Maria Mies: o “Coletivo Sycorax se formou com a proposta de traduzir autoras que contribuísem para a reflexão feminista em abordagens necessariamente anticapitalistas” (2022a, p. iii) e com o entendimento de que a tradução é a porta de entrada ou o portal (*gateway*) para a recepção dos feminismos. Nesse sentido, a escolha por traduzir o primeiro livro, *Calibã e a bruxa*, “partiu do potencial teórico da obra em realizar uma análise feminista e marxista da origem da opressão e da exploração das mulheres no capitalismo” (Alvarenga *et al.*, 2022, p. 3), potencial também encontrado nas duas outras obras de Federici que traduzimos na sequência: *O ponto zero da revolução* e *Reencantando o mundo*. A tradução do livro da socióloga marxista alemã Maria Mies, por sua vez, foi um desenvolvimento genealógico: mencionada nos três livros de Federici, Mies compõe, assim como a pensadora italiana, a linhagem de pensadoras feministas que se debruçaram sobre o tema da acumulação primitiva de capital. Sem tradução no Brasil na época, assumimos, então, a tarefa de inseri-la no nosso contexto de recepção e, conseqüentemente, nos debates nacionais dos quais já faziam parte os livros de Federici.

Sem contar com manual de instruções nem pretender ser prescritivo, nosso método de tradução continua em construção, reorganizando-se a cada nova escolha de texto e autora, a cada nova composição temporária do coletivo, a cada novo projeto que passa de fato a

existir. Em um desses projetos, o da tradução de *Reencantando o mundo*, pudemos encontrar um novo vocabulário para traduzir nosso pensamento sobre nossa prática: ele estava no campo semântico que une “feminismo e a política dos comuns”, tal qual a linha fina que acompanha o título do livro.

## 5. Reencantando o mundo: a tradução como bem comum

O processo de tradução de *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns* foi realizado durante a pandemia de COVID-19, com a participação de vinte mulheres de diferentes regiões do Brasil na formação que, remetendo ao conteúdo teórico do livro traduzido, recebeu o nome de “Coletivo Sycorax: Solo Comum”. Como expusemos na “Nota das tradutoras” ao livro (Coletivo Sycorax, 2022b), trabalhamos juntas durante a maior crise sanitária da nossa época, que aprofundava feridas sociais provocadas por quatro décadas de neoliberalismo, levando, entre outras consequências, ao empobrecimento em massa, desinvestimentos públicos em serviços sociais, expropriações de famílias e comunidades e ataques cotidianos a nossos bens comuns, da saúde e educação, habitação e transporte, às nossas águas, solo e ar. A pandemia também escancarava a maior vulnerabilidade das mulheres: eram elas que mais perdiam seus empregos e também que compunham majoritariamente a linha de frente de profissionais da saúde e dos chamados “serviços essenciais”.

Naquele contexto de extremo *desencantamento*, o livro de Silvia Federici nos permitia enxergar a existência de inúmeros movimentos sociais ao redor do planeta, que, encabeçados por mulheres, lutavam pela vida. Traduzir juntas *Reencantando o mundo* nos mostrou que cada vez mais pessoas sentiam

a necessidade urgente [...] de fundar uma nova forma de vida baseada justamente naquilo que nos foi tirado: um planeta saudável

10 “[...] practices that are *intentionally* and *explicitly* geared towards social change and a disruption of existing power structures” (Boéri & Delgado, 2021, p. 246).

que pertence a todos os seres e relações sociais fundadas na solidariedade, e não na propriedade privada, na acumulação e na exploração. (Coletivo Sycorax, 2022b, p. 9)

Em nossas reuniões periódicas, que nos permitiam fortalecer e criar laços à revelia da distância física, pensávamos coletivamente, de diferentes pontos de vista feministas, sobre o principal conceito do livro de Federici: *os comuns* (*the commons*). Na obra, esse conceito designa, simultaneamente, o conjunto dos bens comuns naturais e culturais compartilhados pelas sociedades humanas em diferentes contextos temporais e geográficos, mas também as diferentes formas de “relações comunais”, do passado e do presente, que carregam em si possibilidades de um futuro não regido por relações capitalistas de produção. Ela explica da seguinte maneira sua intenção ao reunir os textos que compõem o livro *Reencantando o mundo*:

Meu objetivo principal é demonstrar o potencial das relações comunais como garantia de sobrevivência, de maior capacidade de resistência e, acima de tudo, como um caminho para transformar nossa subjetividade, para que possamos reconhecer, no mundo que nos rodeia — a natureza, as outras pessoas, o mundo animal —, uma fonte de riqueza e conhecimento, e não um perigo. (Federici, 2022, p. 140)

Ao tratar dos “comuns”, no plural, Federici reposiciona o conceito de “comum”, no singular (“*the common*”), tal qual pensado por Antonio Negri e os outros autonomistas italianos contemporâneos seus. Para Negri (2016), “o comum” seria resultado de uma determinada fase (pré-fordista) de desenvolvimento do modo de produção capitalista moderno, portanto, fruto do trabalho e das relações de produção entre trabalhadores nesse contexto. Em outras palavras, Negri entende que o modo de produção capitalista, ao unir sujeitos pelo trabalho, pôde criar uma ideia de “comum”, ou de “bens comuns”, se preferirmos. As coisas materiais ou imateriais compreendidas

socialmente como um “comum” são, então, historicamente definidas: “[...] tanto os bens públicos quanto os naturais são inseparáveis das condições históricas e das formas de vida que os configuram e pelas quais são configurados. Há aqui uma determinação “comum”, historicamente consistente, que não poderia ser eliminada” (Negri, 2016, p. 2).

A fase pós-fordista, neoliberal, do capitalismo, por sua vez, trataria de prever juridicamente — por meio do dispositivo do “direito à propriedade” — as condições para apropriação privada dos bens considerados e/ou tornados comuns, juridicamente ou não, ao longo do tempo. Assim, águas, terra e ar, sistemas de saúde, educação ou transportes, bens públicos ou naturais, tudo se torna passível da “apropriação capitalística em geral” (Negri, 2016, p. 2).

Para Negri, o potencial transformador que reside no comum evidencia-se quando este é “subtraído à acumulação/valorização capitalista”, pois, aí, ele pode ser finalmente “confiado a uma regulação administrativa democrática e participativa” (2016, p. 8). Em todo caso, o filósofo afirma que: “O importante é reconhecer o comum como modo de produção na nossa sociedade e como produto fundamental do trabalho de todos. A apropriação privada do comum não é, nesse momento, desejável pela comuna dos cidadãos-trabalhadores” (Negri, 2016, p. 8).

Em *Reencantando o mundo*, Silvia Federici não parece discordar dessa visão. Contudo, ao discutir *os comuns*, ela procura expandir seu significado no singular, destacando as atividades e relações comunais construídas por mulheres em diferentes contextos como índice, no presente, de um outro futuro possível. À diferença de Negri, Federici buscará, então, nas experiências comunitárias pré-capitalistas nos continentes americano e africano, bem como nas experiências contemporâneas de mulheres ao redor do planeta, exemplos concretos da criação e defesa dos comuns, que ela entende como um processo contínuo de lutas contra

o capital: de compartilhamento da riqueza produzida coletivamente, de preservação ou reconstrução de modos de vida fundados no cuidado recíproco, e, por isso, de ressignificação radical das relações de propriedade e de reconstrução de laços sociais e com a natureza. De acordo com ela, “a primeira lição dessas lutas” é a de que

a “comunização” dos meios materiais de reprodução é o mecanismo principal pelo qual são criados interesse coletivo e laços mútuos. É também a frente da resistência a uma vida de escravidão, e condição para a construção de espaços autônomos que minam por dentro as garras do capitalismo sobre as nossas vidas. (Federici, 2018, n. p.)

Compreendemos, então, que nosso projeto de tradução coletiva feminista e anticapitalista poderia também ser lido como uma experiência de *produção dos comuns*. Na prática, não apenas zelávamos para que o produto de nosso trabalho questionasse as formas hegemônicas de produção e circulação de conhecimentos, mas também, como mencionamos, o nosso próprio trabalho se organizava sob a premissa da autogestão, da rotatividade de tarefas, da horizontalidade decisória, da reciprocidade do cuidado e da produção do bem comum, partindo sempre do princípio de que traduzir *juntas* é uma ocasião para compartilhar os diferentes saberes, trajetórias, repertórios e perspectivas de cada tradutora. Esse compartilhamento enriquece não apenas o processo de tradução, mas também o próprio texto traduzido, consolidando e fortalecendo as decisões tradutórias.<sup>11</sup>

11 Não foi exigido das mulheres que integravam o grupo de tradução nenhum conhecimento ou formação específica – nem mesmo o conhecimento da língua inglesa, da qual traduzimos. Dessa forma, para mencionar uma circunstância entre inúmeras, uma pessoa que compreenda menos o inglês pôde colaborar de diversas outras maneiras, como revisão, pesquisa de termos, organização de cronogramas e agenda, atividades de difusão

Conceito e prática nos levaram, assim, a identificar que a forma pela qual concebíamos a tradução coletiva (uma categoria, como vimos, imprecisa em termos políticos) poderia ser traduzida sob outros termos, pertencentes ao léxico do que nos é *comum* e, nessa qualidade, capazes de anunciar a tradução como um processo de produção e reprodução solidária de conhecimentos, de formação intelectual e política, comprometido com as lutas anticapitalistas, anti-imperialistas, anticolonialistas, antirracistas, feministas e ecológicas ao redor do globo.

### 5.1. *Commoning translation*

Pensávamos e discutíamos essas questões quase ao mesmo tempo que Jennifer Hayashida, escritora e artista canadense, adicionava, desde o Norte global, o termo “*commoning translation*” ao *Glossary of Common Knowledge* (Hayashida, 2020). Aqui no Sul, no entanto, não conhecíamos o grupo responsável, nem glossário em si, nem o termo incluído por Hayashida. Diz o verbete “*Translation*”, escrito por ela e traduzido por nós:

Translation [Tradução]  
Solidarity in Translation — Translation in Solidarity  
[Solidariedade em tradução — Tradução em solidariedade]

A tradução comunizante torna a tradução um ato de solidariedade, não de fidelidade ou lealdade.

A tradução comunizante serve para insistir que a tradução é praticada por muitos, e não por poucos.

A tradução comunizante nos lembra de que a tradução é um ato de contingência, não de certeza.

A tradução comunizante requalifica a tarefa de tradutoras e tradutores que já estão precarizados, desenraizados.

A tradução comunizante rejeita o conceito rarefeito da tradução baseada na fluência

como oficinas e podcasts. Cf. Coletivo Syco-rax, 2022b.

em favor do esforço coletivo, baseado na solidariedade.

A tradução comunizante mobiliza tradutoras e tradutores hesitantes que se expressam em fragmentos inteiros.

A tradução comunizante afirma o direito de traduzir em decorrência de uma solidariedade compartilhada em relação ao texto ou à tarefa em questão.

A tradução comunizante, a tradução solidária, não é uma tradução colonial, que busca levantar ou revelar, civilizar e vender. A solidariedade não pode ser reivindicada por ninguém.

A tradução comunizante pode não falar com ninguém ou falar com poucos.

A tradução comunizante tem como tarefa diária a mobilização contra o privilégio branco e a supremacia branca.<sup>12</sup> (Hayashida, 2020)<sup>13</sup>

Nesse verbete, encontramos, linha a linha, afinidades com as discussões que vínhamos

12 “Commoning translation renders translation an act of solidarity, not fidelity or loyalty. Commoning translation is to insist that translation is practiced by many and not by a few. Commoning translation reminds us that translation is an act of contingency, not certainty. Commoning translation reskills the task of the translator who is already precarious, already uprooted. Commoning translation rejects translation as fluency. Commoning translation mobilises stuttering translators who speak in whole fragments. Commoning translation asserts the right to translate out of a sense of solidarity with the text. Commoning translation, translating in solidarity, is not colonial translation, which seeks to uplift or reveal, civilise and sell. Commoning translation has as its errand to mobilise against white privilege and power, to bring side-lined histories into view.” (Hayashida, 2020).

13 Essa tradução do verbete foi primeiramente publicada na “Nota das tradutoras” escrita para tradução do livro *Reencantando o mundo* (2022b).

travando naquele momento, e que descrevemos acima. Foram essas discussões que sustentaram nossa escolha ao traduzir “*commoning*” por “comunizante”, apontando, com esse termo, a tradução como *ação coletiva comum* capaz de levar a transformações nas estruturas e superestruturas que sustentam o atual sistema global de opressões e explorações.

Uma vez em contato com a definição de *commoning translation*, decidimos traduzi-la, adicionamos a ela nossos próprios contornos e reelaborando, ao mesmo tempo, nossa experiência de tradução.

## 6. Tradução comunizante

A tradução comunizante, conforme propomos concebê-la aqui, pressupõe, em primeiro lugar, uma concepção expandida do processo tradutório. Na tradução comunizante, esse processo já está em andamento no momento da escolha do texto e da autora, passando depois pela fase de trabalho linguístico-discursivo e se estendendo até a circulação do produto final.

Vinculada epistemologicamente à política dos comuns, tal qual Federici (2022) a compreende, a tradução comunizante é uma forma de tradução realizada coletivamente. Diferente da conotação politicamente esvaziada contida no termo “tradução coletiva”, na tradução comunizante, a coletividade é constituída por sujeitos solidários entre si, unidos por afinidades políticas e ideológicas. A solidariedade em torno de uma tarefa comum, de ideias compartilhadas e de uma prática de formação política também é acompanhada pela criação de laços de afeto (Alvarenga *et al.*, 2022). Afinal, como afirma Michaela Baldo, “a tradução/interpretação é afetiva, já que, como o afeto, ela é relacional; está situada neste encontro emocional entre corpos em movimento”.<sup>14</sup>

14 “Translation/interpreting is affective, as, like affect, it is relational; it is situated in this emotional encounter between bodies in movement” (2019, p. 10).

Permeada por princípios éticos das/os tradutoras/es, orientados no sentido das lutas antipitalistas, feministas, antirracistas, ecológicas e anti-LGBT-transfóbicas, uma tradução comunizante leva necessariamente em consideração a dimensão política envolvida em cada etapa do processo de traduzir, assim como o papel político de cada agente implicado nele.

Questionando as concepções teóricas de agência tradutória que desconsideram os desníveis de poder estruturantes do modo de produção hegemônico, a prática da tradução comunizante afirma a possibilidade de compreender essa agência como uma ação coletiva descentralizada, em que todos os sujeitos — ou agentes — atuam politicamente do início ao fim com igual poder de decisão. Nessa perspectiva, o caráter formativo, em termos intelectuais e políticos, da tradução para as tradutoras adquire papel fundamental.

Tal distribuição igualitária do poder efetua-se desde o início, nos debates para a seleção do texto a ser traduzido. No contexto da tradução comunizante, é evidente, a inserção social do texto traduzido, bem como de sua autora ou autor, deve possibilitar o fomento de debates e, também, práticas sociais que visem à transformação da realidade vigente, uma vez que os conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo do tempo e do espaço não são resultado de um processo neutro de descobertas, fruto de mera observação, mas produzidos por sujeitos inseridos em uma cultura produzida, reproduzida ou criticada por eles.

Propomos, ainda, que uma tradução comunizante prima por uma forma de organização que coloca em prática a autogestão e a rotatividade de tarefas de todas as participantes. A descentralização e a horizontalidade das tomadas de decisão são, dessa maneira, aspectos fundamentais pelos quais o grupo se guia e se organiza.

Como uma atividade prático-crítica, a tradução comunizante é um pensar-fazer e constrói

uma práxis específica que deve se adequar ao momento histórico em que ocorre. Dessa maneira, a tradução comunizante não é uma forma fixa, estanque; mas, pelo contrário, é permeada pelas necessidades históricas, políticas e sociais de seu momento — tornando-se, assim, uma ferramenta de militância.

No que diz respeito ao produto dessa experiência de trabalho coletivizado, a tradução comunizante imprime não os conceitos abstratos (e machistas) de fidelidade e da mera reprodução de um outro texto original (Chamberlain, 1998), mas os elementos da comunalidade, do feminismo, do antirracismo, do anticapitalismo em sua linguagem, a partir de escolhas tradutórias conscientes. A diversidade de pontos de vista só tem a contribuir para a consolidação de decisões tomadas ao longo do processo.

Quanto à circulação do produto, a tradução comunizante zela por maneiras de circulação das obras traduzidas que questionem a lógica capitalista da propriedade intelectual.<sup>15</sup> Modos de circulação que permitam o acesso gratuito à obra traduzida, em formato impresso ou digital são de suma importância, bem como atividades de inserção social dos debates trazidos por ela.

Assim, defendemos a tradução comunizante como uma práxis política atravessada pela solidariedade, integrante das lutas por justiça social e orientada para a produção do bem comum. Seu espaço, portanto, assim como o das lutas sociais e epistêmicas (Icaza & Vazquez,

15 Como já foi mencionado anteriormente, para o Coletivo Sycorax a disponibilização gratuita dos livros que traduz é condição básica para a tradução. Por isso, no caso de *Reencantando o mundo*, como em todos os outros, a liberação do ebook para download gratuito foi acordada com a Editora. O livro pode ser baixado no site da casa editora Elefante e também do próprio coletivo ([www.coletivosycorax.org](http://www.coletivosycorax.org)).

2013), pode se tornar não apenas o espaço de uma força opositora ao poder dominante, mas de força criativa.

## 7. Conclusão

Como podemos ver, a concepção de tradução comunizante foi desenvolvida com base em nossa prática tradutória — na composição específica do Coletivo Sycorax: Solo Comum — e em nossas reflexões a seu respeito, em diálogo com ativistas, acadêmicas e artistas que também se debruçam sobre questões afins. Sendo sempre localizado em um contexto específico, o método de tradução que empregamos, assim como o conceito que propomos, não se pretende definitivo, mas admite sua necessária reconfiguração de acordo com as possibilidades das participantes, o texto a ser traduzido, as demandas do momento político, entre outros fatores.

Por meio da tradução comunizante, procuramos posicionar os sujeitos políticos, desestabilizar as relações de poder que sustentam a produção hegemônica de conhecimento e retraçar nossas genealogias feministas anticapitalistas, localizando para isso nosso espaço de prática política e nossas predecessoras. Apoiadas em conceitos como o de agentes da tradução, propusemos também repensar as relações de poder que permeiam a produção tradutória e editorial, de forma a construir práticas que trilham outros caminhos. Esses caminhos, no entanto, não são fáceis de percorrer. É preciso ter em mente, por exemplo, que balizas do mercado, como tempo gasto na tradução, valor pago por lauda, prazos exíguos etc. tendem a esvaziar — e até inviabilizar — o processo de formação política conjunta. Além disso, a tradução coletiva feminista anticapitalista, traduzida sob o conceito de tradução comunizante, pressupõe processos horizontais de tomada de decisão que podem levar longos períodos de tempo, frequentemente incompatíveis com o da esteira de produção industrial que organiza as atividades de parte das instituições vinculadas à tradução.

Construindo essas reflexões ao longo de vários anos, e partindo das discussões suscitadas pelo processo de tradução de *Reencantando o mundo*, chegamos à ideia da tradução como uma prática comunizante de produção de um bem comum, uma política cujos princípios rearticulam a noção de agência tradutória e percorrem as diferentes etapas do processo, partindo da seleção do texto a ser traduzido, atravessando todo o trabalho linguístico com suas exaustivas negociações e reelaborações até o produto final e sua circulação — da qual dependem fundamentalmente as possibilidades de interferência das ideias traduzidas sobre a sociedade de destino (Bianchi, 2016).

Assim, apresentamos uma concepção de tradução comunizante que opera com uma ideia expandida de tradução, na qual as tradutoras participam politicamente do processo de produção do texto e assumem papéis que habitualmente se situam fora do escopo do trabalho da tradutora. Ao destacar seu potencial politicamente formador e criativo, esperamos ter demonstrado que a tradução comunizante traz em si o germe da criação de laços comuns, expandindo nossos horizontes de luta e esperança.

## Referências

- Alhirthani, M. (2024). Poetry for social-political justice in Palestine: Mahmoud Darwish's translation and re-narration of Palestinian-Israeli encounters. *Linguistica Antverpiensia* (New series: Themes in Translation Studies), 20, 17-35. <https://doi.org/10.52034/lans-tts.v23i.794>
- Alvarenga, A. F., Battistam, L. P., Bittencourt, J., Fonseca, L. C., Farias de Souza, C., Izidoro, L. G., Mhereb, M. T., de Oliveira-Macedo, S., Rosas, C., & Rosas, E. (2022). Coletivo Sycorax: desdobramentos de práticas feministas de tradução. *Revista Belas Infieis*, 11(2), 1-17. <https://doi.org/10.26512/belasinfieis.v11.n2.2022.41253>
- Arendt, H. (1958). *The human condition*. University of Chicago Press.

- Baker, M. (2010). El compromiso social en traducción e interpretación: Una visión desde ECOS, traductores e intérpretes por la solidaridad. Em J. Boéri & C. Maier (Orgs.), *Compromiso social y traducción/interpretación — translation/interpreting and social activism* (pp. 25-27). ECOS - Traductores e Intérpretes por la Solidaridad.
- Baldo, M. (2019). Translating affect, redeeming life. The case of the Italian queer transfeminist group ideadestroyingmuros. *The Translator*, 25(1), pp. 13-26. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13556509.2018.1542929>
- Bianchi, A. (2016). Circulação e tradução: para uma história global do pensamento político. *IX Encontro da ABCP*, Belo Horizonte. [https://www.researchgate.net/publication/307107755\\_BIANCHI\\_Alvaro\\_Circulacao\\_e\\_traducao\\_para\\_uma\\_historia\\_global\\_do\\_pensamento\\_politico\\_IX\\_encontro\\_da\\_ABCP\\_Belo\\_Horizonte\\_2016](https://www.researchgate.net/publication/307107755_BIANCHI_Alvaro_Circulacao_e_traducao_para_uma_historia_global_do_pensamento_politico_IX_encontro_da_ABCP_Belo_Horizonte_2016)
- Boéri, J. (2009). Babels, the Social Forum and the conference interpreting community: Overlapping and competing narratives on activism and interpreting in the era of globalization [Unpublished doctoral dissertation]. University of Manchester, UK.
- Boéri, J. (2023). Steering ethics toward social justice: A model for a meta-ethics of interpreting. *Translation and Interpreting Studies*, 18(1), 1-26. <https://doi.org/10.1075/tis.20070.boe>
- Boéri, J., & Delgado, L. (2021). Ethics of activist translation and interpreting. In K. Koskinen & N. K. Pokorn (Orgs.), *The Routledge handbook of translation and ethics* (pp. 245-261). Routledge.
- Buts, J. (2023). Activist approaches. In R. Meylaerts & K. Marais (orgs.), *The Routledge handbook of translation theory* (pp. 263-282). Routledge.
- Buzelin, H. (2011). Agents of translation. In Y. Gambier & L. van Doorslaer (Eds.), *Handbook of translation studies*. John Benjamins. <https://benjamins.com/online/hts/articles/age1>
- Castro, O. & Spoturno, M. L. (2020). Feminismos y traducción: apuntes conceptuales y metodológicos para una tradutología feminista transnacional. *Mutatis Mutandis*, 13(1), 11-44. <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a02>
- Chamberlain, L. (1988). Gender and the metaphors of translation. *Signs*, 13(3), 454-472. <http://www.jstor.org/stable/3174168>
- Coletivo Sycorax. (2017). Nota das tradutoras. In S. Federici, *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva* (Coletivo Sycorax, trad.). Elefante.
- Coletivo Sycorax. (2019). Nota das tradutoras. In S. Federici, *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. (Coletivo Sycorax, trad.). Elefante.
- Coletivo Sycorax. (2022a). Apresentação das tradutoras. In M. Mies, *Patriarcado e acumulação em escala mundial: mulheres na divisão internacional do trabalho* (tradução coletiva). Ema Livros.
- Coletivo Sycorax. (2022b). Nota das tradutoras. In S. Federici, *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns*. (Coletivo Sycorax, trad.). Elefante.
- Doerr, N. (2018). *Political translation: How social movements democracies survive*. Cambridge University Press.
- Federici, S. (2018). *Federici: sobre o feminismo e os comuns*. <https://outraspalavras.net/feminismos/federici-sobre-o-feminismo-e-os-comuns/>
- Federici, S. (2022). *Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns* (Coletivo Sycorax, trad.). Elefante.
- Fonseca, L. C. (2025) 'Aí, eu também não aguento!': apontamentos sobre os estudos da interpretação feminista e a doula como intérprete inter-epistêmica. [Habilitation thesis, tese não publicada, Universidade de São Paulo, Brasil].
- Godayol, P. (2011). "I like women": Regarding feminine affinities in translation. In L. von Flotow (Org.), *Translating women* (pp. 119-134). University of Ottawa Press.
- Gonzalez, L. (2020). Racismo e sexismo na cultura brasileira. In *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos* (pp. 75-93). Zahar.

- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- Hayashida, J. (2020). Translation. In *Dictionary of the common knowledge*. <http://glossary.mg-lj.si/referential-fields/commons-solidarity/translation-3?hide=21>
- Icaza, R., & Vázquez, R. (2013). Social struggles as epistemic struggles. *Development and Change*, 44(3), 683-704. <https://doi.org/10.1111/dech.12039>
- Lorde, A. (2018). *The master's tools will never dismantle the master's house*. Penguin Classics.
- Maldonado-Torres, N. (2006). La topología del ser y la geopolítica del saber. Modernidad, imperio, colonialidad. In W. Mignolo, F. Schivy, & N. Maldonado-Torres (Orgs.), *(Des)colonialidad del ser e del saber en Bolivia: vídeos indígenas y los límites coloniales de la izquierda* (pp. 63-130). Del Signo.
- Marx, K. (1996). *O Capital - Livro 1: crítica da economia política*. (Flávio Kothe e Régis Barbosa, trads.). Nova Cultural.
- Mignolo, W. D., & Walsh, C. E. (2018). *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv11g9616>
- Milton, J., & Bandia, P. F. (2009). *Agents of translation*. John Benjamins Translation Library. <https://doi.org/10.1075/btl.81>
- Monzó-Nebot, E., & Lomeña-Galiano, M. (2024). Taking stock and chartering the territories of institutional translation and interpreting. In *Toward inclusion and social justice in institutional translation and interpreting* (pp. 253-258). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003349914-14>
- Negri, A. (2016). *O comum como modo de produção* (Bernardo Bettonico, trad.). Chão de Feira.
- Quijano, A. (2000). Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In E. Lander (org.), *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*. CLACSO/Unesco.
- Rosas, C., Bittencourt, J., Izidoro, L., & Macedo, S. L. (2020). Conjurar traducciones: la traducción colectiva de 'Caliban and the Witch' al português brasileiro como estratégia feminista transnacional. *Mutatis Mutandis, Revista Latinoamericana de Traducción*, 13(1), 117-138. <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v13n1a06>
- Santos, T. (2014). Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimento. (Tese doutorado em estudos da tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128822?show=full>
- Segato, R. L. (2013). *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos: Y una antropología por demanda*. Prometeo Libros.
- Talens, M. (2010). El compromiso social en traducción e interpretación: Una visión desde ECOS, traductores e intérpretes por la solidaridad. Em J. Boéri & C. Maier (Orgs.), *Compromiso social y traducción/interpretación — translation/interpreting and social activism* (pp. 19-24). ECOS - Traductores e Intérpretes por la Solidaridad.
- Von Flotow, L. (1991). Feminist translation: contexts, practices and theories. *TTR*, 4(2), 69-84. <https://doi.org/10.7202/037094ar>
- Wolf, M. (2007). The emergency of a sociology of translation. In M. Wolf & A. Fukari (Eds.), *Constructing a sociology of translation*. John Benjamins.

**Como citar este artigo:** Rosas, C., Battistam, L. P., Fonseca, L. C., Mhereb, M. T., Parrine, R. (2025). Tradução comunizante: feminismo e política dos comuns. *Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción*, 18(2), 504-520. <https://doi.org/10.17533/udea.mut.v18n2a11>